

## **Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade Preservando a Agricultura Camponesa**

Fernando Luis Diniz D'Avila<sup>(1)\*</sup> ; Luciane Cristina de Gaspari<sup>(2)\*</sup>

<sup>(1)</sup>Acadêmico do curso de Pós Graduação Especialização em Agroecossistemas do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Rod Admar Gonzaga, 1346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil

<sup>(2)</sup>Professora, Universidade Federal do Paraná Campus Matinhos. Rua Jaguariaíva, Tv. Caiobá, 512, CEP 83260-000, Matinhos, PR, Brasil

### **RESUMO**

Tendo em vista o papel da agricultura camponesa para preservação da agrobiodiversidade, este estudo discute a importância e os reflexos da realização das feiras de sementes crioulas e da agrobiodiversidade, além de formas de estimulá-las. Para isto, a pesquisa lança mão do método de estudo de caso, a partir de dados primários e secundários, selecionando as XIV, XV e XVI Feiras de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade, que foram construídas pelo Coletivo Triunfo no sudeste paranaense. Os resultados indicam que a realização destas Feiras contribui para o acréscimo da agrobiodiversidade do território, em razão da diversidade de sementes e mudas expostas, promove o reconhecimento da identidade sociocultural camponesa com a venda de produtos típicos ademais, o estímulo deve ser a partir da articulação entre as instituições presentes no território, favorecido por meio de programas e políticas pública.

**Palavras-chave:** Sementes Crioulas. Coletivo Triunfo. Políticas Públicas. PAA.

### **Creative Seeds and Agrobiodiversity fair Preserving Peasant Farming**

#### **ABSTRACT**

Bearing in mind the role of peasant agriculture in preserving agrobiodiversity, this study discusses the importance and consequences of holding Creole seed and agrobiodiversity fairs,

as well as ways to encourage them. For this, the research makes use of the case study method, based on primary and secondary data, selecting the XIV, XV and XVI Crioula Seed and Agrobiodiversity Fairs, which were built by Coletivo Triunfo in southeastern Paraná. The results indicate that the realization of these Fairs contributes to the increase of the territory's agrobiodiversity, due to the diversity of seeds and seedlings exposed, promotes the recognition of peasant sociocultural identity with the sale of typical products. among the institutions present in the territory, favored through programs and public policies.

**Keywords:** Creole Seeds. Triumph Collective. Public policy. PAA.

## **Introdução**

A agricultura familiar camponesa de todo o mundo tem sido afetada pela queda da renda agrícola e o empobrecimento da agrobiodiversidade provocados pelos reflexos do processo de modernização agrícola, que promoveu a homogeneização dos cultivos. Frente a esta crise, que cada vez mais se aprofunda, são fundamentais os programas de desenvolvimento rural e as políticas públicas focadas na agricultura camponesa, a fim de evitar seu colapso, tornando-a mais sustentável e produtiva, contribuindo para preservação do território.

Para Costa (2000), a agricultura camponesa é caracterizada pelo modo de fazer agricultura e de viver das famílias que têm acesso à terra e aos recursos naturais e os utiliza para solucionar seus problemas por meio da produção rural. A agricultura camponesa visa romper com os limites da agricultura convencional a partir da produção de alimentos pelo trabalho camponês, fortalecendo a cooperação nas relações sociais, na gestão e no controle do processo produtivo pelos agricultores. Inclui uma produção diversificada, considerando o clima, as épocas do ano e a preservação da natureza, tendo como princípio a sustentabilidade entre atividades e a soberania alimentar dos povos, ou seja, o direito de todos terem acesso a alimentos saudáveis, nutritivos e adequados (CARVALHO; COSTA, 2012).

O Brasil é um país continental, que abriga cerca de 25% da biodiversidade do planeta, bem como, 20% de toda a água potável existente. O país possui sete biomas: Pampa, Mata Atlântica, Pantanal, Cerrado, Caatinga, Áreas Costeiras e a Amazônia, todos com altos índices de biodiversidade e de agrobiodiversidade. A diversidade biológica revela a multiplicidade de vidas e possibilita a resiliência ecológica dos ecossistemas de acordo com as especificidades de cada ambiente, dos ecossistemas, das espécies e de suas características genéticas. Além da pluralidade de formas de vida, a expressão “diversidade” aqui, refere-se também, à

numerosidade de culturas, de saberes tradicionais a respeito do território, que incluem os ecossistemas, agroecossistemas e o manejo e modos de vida, bem como, arranjos sociais, religiosos, tecnológicos e institucionais construídos por agrupamentos humanos, que vivem nestes biomas.

A agrobiodiversidade é a parcela da biodiversidade constituída por um conjunto de espécies e ecossistemas, que apresentam forte relações com os seres humanos, podendo ser domesticados, semidomesticados, cultivados ou manejados. Segundo a Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), a agrobiodiversidade retrata uma gama inesgotável de combinações entre seus quatro níveis de complexidade: diversidade dentro de espécies, diversidade entre espécies, diversidade entre ecossistemas e diversidade etnocultural. Neste vasto conjunto de combinações existe um acúmulo de conhecimentos transmitidos de gerações antepassadas, muitas vezes, seculares com alto potencial para o desenvolvimento socioambiental sustentável das comunidades rurais (Stella; Kageyama; Nodari, 2006). Para Toledo (1985), o conhecimento camponês sobre os ecossistemas resulta em estratégias de vida e produtivas multidimensionais para o uso da terra, que criam dentro de certos limites ecológicos, sociais e técnicos, a autossuficiência alimentar das comunidades em seus territórios.

A agricultura familiar camponesa é responsável por manter a produção de cultivares crioulos e a disseminação das sementes, segundo Sevilla Guzmán (2005). De acordo com Barbosa et al. (2010), a semente crioula representa a materialização dos princípios de respeito às culturas locais e a construção de uma tecnologia adequada de baixo custo e impacto, pois são sementes adaptadas as condições socioambientais dos territórios e dos saberes locais, carregando uma alta variabilidade genética capaz de preservar a agrobiodiversidade, o equilíbrio e a qualidade das plantas.

Conforme Norgaard, (1989), a troca de sementes crioulas, prática frequente entre os agricultores camponeses possibilita a disseminação de espécies de plantas importantes para o uso humano, em outras palavras, promove o incremento da agrobiodiversidade do território. A grande diversidade genética das variedades adaptadas ao território direciona a seleção natural e incrementa a eficiência de outra seleção realizada pelos agricultores, melhorando ainda mais adaptação destas variedades aos diferentes ambientes, mesmo que distantes dos centros de domesticação. Nos novos locais características adaptativas são desenvolvidas e mantidas em diferentes genótipos das sementes, muitos destes atributos não são encontradas nos demais ambientes ou mesmo no centro de origem. Em cada novo ambiente foram selecionadas espécies para uso humano, incorporando no processo de melhoramento genético os valores e os ritos dos habitantes e comunidades daqueles territórios. Logo, a diversidade genética é o resultado de

fatores de natureza histórica, ecológica, genética e cultural, configurando-se assim um sistema co-evolutivo, que a própria cultura humana moldou e adaptou aos sistemas biológicos e estes moldaram a cultura.

Por outro lado, a noção de território remete ao resultado da confrontação dos espaços individuais dos atores nas suas dimensões econômicas, socioculturais e ambientais. Segundo Méo (1998) há quatro dinâmicas particulares que atuam na origem dos territórios: o poder político, as dinâmicas socioeconômicas ligadas ao sistema produtivo; os comportamentos e aspectos identitários e de pertencimento; as dinâmicas naturalistas (interações natureza-sociedade).

Desta forma, tendo em vista a importância das sementes crioulas e do modo de vida e de produção familiar camponês para a preservação e promoção da agrobiodiversidade adaptada ao território, este estudo foca as feiras de sementes crioulas e da agrobiodiversidade, que são eventos criados para promover a troca de material genético adaptado ao território entre agricultores camponeses familiares. Nossas hipóteses são de que a realização das feiras contribui para o incremento da agrobiodiversidade do território e a valorização da identidade sociocultural dos agricultores, e também, que deve ser favorecida por meio de ação pública, estimulando a articulação entre as instituições presentes no território para sua construção.

O estudo aborda a importância do estímulo e o significado da realização de feiras de sementes crioulas e da agrobiodiversidade como forma de promover a preservação da agrobiodiversidade do território e a identidade sociocultural camponesa, mitigando os reflexos da modernização da agricultura no território.

O objetivo do trabalho é compreender a importância da realização das Feiras de Sementes Crioulas para disseminação de sementes crioulas e a valorização da identidade sociocultural de agricultores familiares camponeses em um território marcado pelo processo de modernização da agricultura.

## **Material e Métodos**

Em busca de compreender a importância do estímulo e a significação da realização de feiras de sementes crioulas e da agrobiodiversidade em um território caracterizado pela intensa modernização agrícola e forte presença de agricultores familiares camponeses, este estudo destaca o caso das Feiras de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade XIV, XV e XVI concebidas pelo Coletivo Triunfo, cujas ações são centradas no sudeste paranaense. Para isto, abordaremos a metodologia de pesquisa, em seguida o histórico de construção do Coletivo

Triunfo e da realização de feiras de sementes crioulas e da agrobiodiversidade no território, dando nos bases para apresentar a dinâmica específica de cada Feira, finalizando com as considerações finais.

A pesquisa se inscreve na perspectiva da abordagem sistêmica e do método definido como estudo de casos. A seleção do caso foi realizada através da escolha intencional de caso – tipo, que permite estudar em profundidade aspectos considerados relevantes para compreensão sobre a importância, o significado e a forma de estimular a realização de feiras de sementes crioulas e da agrobiodiversidade. Para este estudo foi selecionado as Feiras de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade XIV, XV e XVI construídas pelo Coletivo Triunfo, em um território repleto de espécies endêmicas, com a forte presença de agricultores familiares camponeses e marcado por um processo de modernização agrícola acentuado, tornando-se um exemplo emblemático.

Em vistas das restrições decorrentes da pandemia provada pelo vírus SARS Covid 19, que limitaram o contato presencial do pesquisador com os participantes do estudo, optou se pela análise de dados secundários obtidos junto à ONG AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia em novembro de 2020, os dados constam os tipos de produtos e municípios dos expositores Ademais, o pesquisador coletou dados primários em entrevistas abertas a respeito da importância da realização das Feiras com colaboradores da AS-PTA e do Coletivo Triunfo.. Os dados referem-se às XIV, XV e XVI Feiras Regionais de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade nas quais o pesquisador participou ativamente na organização, o que permitiu a sistematização do processo histórico antecedente aos eventos que ocorreram nos anos de 2016, 2017 e 2018, nos municípios paranaenses de Palmeira, Teixeira Soares e São João do Triunfo respectivamente. As informações analisadas representam 180 expositores e os dados foram tratados e analisados de acordo com sua natureza, quantitativa e qualitativa.

Para a compreensão do objeto de estudo, descreveremos a seguir, a trajetória do Coletivo Triunfo, que criou as XIV, XV e XVI Feiras de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade.

## **Resultados e Discussão**

### **A trajetória do Coletivo Triunfo**

O Coletivo Triunfo nasce por meio de dinâmicas interativas de intercâmbios entre agricultores familiares camponeses, orientadas pela agroecologia e o resgate da agrosociobiodiversidade do território sudeste paranaense estimuladas pela AS-PTA. Desta forma, nove agricultores dos municípios de São João do Triunfo e São Mateus do Sul criaram um grupo em 2010, de caráter permanente, composto por agricultores, ONGs, lideranças

comunitárias e municipais, cujo objetivo é a realização de ações coletivas, que fortaleçam e fomentem a agroecologia, a agricultura familiar camponesa e o combate a erosão genética, a partir do resgate da agrosociobiodiversidade do território, além da participação e do acesso as políticas públicas, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), entre outros projetos de fortalecimento da agricultura familiar camponesa.

Atualmente o Coletivo Triunfo é representado por instituições e membros sediados em 17 municípios, que integram os estados do Paraná e Santa Catarina, dentre eles movimentos sociais do campo, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), entidades representativas de agricultores camponeses como sindicatos de trabalhadores rurais, cooperativas e associações da agricultura familiar, professores e estudantes de escolas técnicas, institutos federais e universidades, gestores públicos municipais e estaduais, assessores técnicos de ONGs, cooperativas de trabalho e de extensão rural, instituições de apoio e promoção da agroecologia e entidades prestadoras de assistência técnica e extensão rural.

A atuação do Coletivo Triunfo abrange uma vasta área do chamado “Paraná Tradicional”, repleto de agricultores familiares camponeses, cuja história de ocupação remonta ao século XVII e atravessa os prolongados ciclos econômicos do ouro, do tropeirismo, da erva-mate e da madeira. A organização do espaço regional sempre esteve vinculada a atividades econômicas tradicionais, de cunhos extensivo e extrativo, e parte importante do seu povoamento inicial decorreu de incursões militares, de tráfego de tropeiros e de estratégias governamentais de dinamização da navegação no vale médio do Iguaçu, dando bases para a instalação de colônias de imigrantes estrangeiros, principalmente poloneses, ucranianos, alemães e russos, em pequenas propriedades, dedicaram-se desde logo à extração da erva-mate e à agricultura alimentar, enfrentando dificuldades impostas pela presença de áreas montanhosas e de solos de baixa fertilidade.

O Coletivo Triunfo está sobre o bioma de Mata Atlântica, que abrange cerca de 13% do território brasileiro, 98% do estado do Paraná e 100% de Santa Catarina (IBGE, 2004) Nas mesorregiões onde o Coletivo Triunfo atua, principalmente no sudeste paranaense, a Mata Atlântica se caracteriza como Floresta Ombrófila Mista ou Floresta de Araucária, abrigando mais de 350 espécies arbóreas, com endemismo em torno de 40%.

Atualmente diante dos avanços de atividades econômicas predatórias, o Bioma Mata Atlântica é considerado um dos biomas mais ameaçados do planeta, contando com apenas 12% de suas florestas originais. Entretanto, as ações do Coletivo Triunfo, viabilizando a conservação

da agrobiodiversidade e a promoção da agroecologia são fundamentais para a preservação deste bioma nos territórios.

Segundo Shiva (2003), as erosões genéticas impulsionadas mundialmente pelo modelo agrícola de empresas multinacionais têm influenciado na vulnerabilidade social dos agricultores familiares camponeses. O bioimperialismo, prática colonialista, age não só no patenteamento da biodiversidade e no empobrecimento genético, mas também, na perda do conhecimento dos camponeses sobre seu território e no enfraquecimento de seus direitos (SHIVA, 2003).

Nessa perspectiva Altieri (2012), destaca que a sustentabilidade da atividade agrícola decorre da observação de povos indígenas e tradicionais que cultivavam sistemas de produção com alta agrobiodiversidade, que garantia sua soberania alimentar. As múltiplas espécies e variedades manejadas e as conexões associadas aos agroecossistemas desses povos indígenas e tradicionais revelavam que sementes, variedades, espécies, raças de animais, solo, água e ambiente estão em intensa inter-relação. Dessa forma, os elementos locais fornecem as próprias bases para a sustentabilidade (ALTIERI, 2012).

A atuação do Coletivo Triunfo para viabilizar a agricultura camponesa é reconhecida pelas organizações da Agricultura Familiar e poderes públicos regionais, como a de um ator político coletivo de análise do contexto territorial e de concertação social. Para promover a agroecologia e a agricultura familiar camponesa, o Coletivo Triunfo incentiva o combate ao uso excessivo dos agrotóxicos e o resgate da agrosociobiodiversidade, além de fomentar e realizar feiras de sementes crioulas e da agrosociobiodiversidade, dias de campo, oficinas, cursos, intercâmbios, seminários regionais, entre outros eventos, que dinamizam a articulação de uma rede regional de promoção a agroecologia, deste modo, têm constituído fóruns regionais de debates, que irradiam efeitos aos sindicatos, associações, instituições de ensino e pesquisa e organismos públicos da região, articulando as instituições do território.

Outra ação voltada ao fortalecimento da agricultura familiar realizada pelo Coletivo Triunfo é o apoio a associações e cooperativas para acessarem as políticas públicas de comercialização, como o PNAE e PAA, estimulando a formulação de projetos coletivos para comercializar sementes crioulas, em especial de milho, através modalidade do PAA – Sementes Doação Simultânea.

O PNAE oferece alimentação escolar com produtos da agricultura familiar e ações de educação alimentar e nutricional a estudantes de todas as etapas da educação básica pública. Já o PAA, criada pelo art. 19 da Lei nº 10.696, de 02 de julho de 2003, possui duas finalidades básicas: promover o acesso à alimentação através da compra de alimentos produzidos pela agricultura familiar, com dispensa de licitação, destinando-os às pessoas em situação de

insegurança alimentar e nutricional e àquelas atendidas pela rede socioassistencial, pelos equipamentos públicos de segurança alimentar e nutricional e pela rede pública e filantrópica de ensino.

O PAA Sementes teve um papel de destaque no fortalecimento do Coletivo Triunfo, dos guardiões de sementes crioulas e nas feiras de sementes crioulas de agrobiodiversidade. O acesso ao mercado institucional possibilita a estabilidade produtiva, ampliação da renda familiar, manutenção da agrobiodiversidade e autonomia das famílias perante aos sistemas integrados de produção, em especial a fumicultura, que é uma das principais culturas cultivadas no território. Para ANA, 2020, o PAA Sementes é uma política pública que integra o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN), fortalecendo a soberania e segurança alimentar, a valorização da identidade sociocultural dos camponeses e da agrobiodiversidade, além da produção agroecológica de alimentos oriundos da agricultura familiar e camponesa, incentivando hábitos alimentares saudáveis.

As cooperativas que participam do Coletivo Triunfo criaram mais de 100 campos de multiplicação de sementes crioulas de milho, com 23 variedades resgatadas e conservadas por agricultores camponeses do território, e que foram distribuídas gratuitamente por sindicatos, cooperativas e associações para mais de oito mil famílias agricultoras camponesas, totalizando 150 toneladas de sementes. Como resultados, há o incremento e resgate da agrobiodiversidade das variedades crioulas do território e o fortalecimento da rede regional de guardiões das sementes e das instituições ligadas à agricultura camponesa presentes no território, além dos circuitos de feiras de sementes municipais e regionais.

Na semente, a convergência da base genética e da base cultural ocorre mediante um processo de coevolução que é socialmente gerido pelos agricultores, envolvendo estratégias que podem ser individuais ou coletivas. Por isso, dizemos que, muito mais que um meio de produção, a semente é um elemento de reprodução social “enraizado” no modo de vida das famílias agricultoras (PETERSEN, 2002).

Os reflexos do PAA e a promoção das feiras de sementes levaram o Coletivo Triunfo a construir uma casa de sementes em 2010, no município de Fernandes Pinheiro no Paraná, que funciona como um banco de germoplasma com sementes crioulas, que representam a agrobiodiversidade do território, garantindo a preservação genética das variedades. Em outras palavras, é um local físico onde as famílias armazenam as sementes crioulas após secagem e seleção, funcionando como um espaço de troca de sementes, que também auxilia no resgate, na melhoria genética e no armazenamento das variedades locais. A casa de sementes tem como parceiros o Coletivo Triunfo, a AS-PTA e a Universidade Federal do Paraná. Desde sua criação



a casa já recebeu intercâmbios de agricultores, estudantes e técnicos, servindo como um modelo no território para a preservação da agrobiodiversidade.

Outro reflexo do PAA Sementes foi a criação em 2019 de uma Unidade Agroindustrial de Beneficiamento do Milho Crioulo Ecológico em São João do Triunfo, que processa a produção de milho e comercializa canjica, fubá e quirera junto ao PNAE e ao Programa Municipal de Aquisição de Gêneros Alimentícios da Agricultura Familiar. A agroindústria é gerida coletivamente por cooperativas da agricultura familiar, e escoar seus produtos somente via circuitos curtos, com dois mercados já estabelecidos: o institucional e direto ao consumidor, estreitando os laços entre o campo e a cidade. Esta conquista do território teve apoio financeiro da Fundação Banco do Brasil, através do Programa Ecoforte, que integra o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo), cujas ações são voltadas ao fortalecimento e a ampliação das redes, cooperativas e organizações socioprodutivas e econômicas de agroecologia, extrativismo e produção orgânica.

Em suma, o Coletivo Triunfo busca incrementar a diversidade das variedades crioulas, sejam animais e/ou vegetais, que são mantidas pelas famílias camponesas, fortalecendo uma rede de guardiões de variedades de sementes crioulas e instituições rurais, que promovem o resgate e preservação a agrobiodiversidade do território, além de saberes e práticas agroecológicas, que diminuem a dependência produtiva de pacotes tecnológicos da modernização agrícola.

Tendo em vista a descrição da trajetória do Coletivo Triunfo iremos levantar elementos do histórico das feiras de sementes e da agrobiodiversidade.

### **Feiras de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade**

Com vistas a incrementar a agrobiodiversidade e fortalecer a rede de guardiões de sementes, o Coletivo Triunfo fomenta e estimula a realização de feiras municipais e regionais de sementes crioulas e da agrobiodiversidade. As feiras constituíssem como espaços de resgates da agrosociobiodiversidade, trocas de experiências e reivindicações políticas para uma agricultura sustentável e socialmente justa. As feiras repercutem minimizando os efeitos da erosão genética causada pela disseminação de sementes comerciais, sobretudo das transgênicas, amplamente difundidas neste território.

A troca de sementes que ocorre nas feiras cria uma dinâmica específica para o uso e a conservação das variedades locais. O estímulo a realização das feiras de trocas de sementes possibilita a identificação de áreas de maior agrobiodiversidade, de variedades locais desconhecidas e de agricultores guardiões de sementes. Com isso, reconhecem-se os reais

possuidores da agrobiodiversidade genética e do conhecimento associado a ela. A feira de sementes é uma prática em que estão envolvidos diversos atores de origens geográficas distintas e em arranjos institucionais múltiplos (MACHADO; MACHADO, 2009).

As feiras de sementes no território sudoeste paranaense tiveram início em 1999, na comunidade de Pinhalão, município de União da Vitória, com um grupo de mulheres agricultoras, que reservavam um momento durante suas reuniões para troca de sementes. Em 2000, surgiu a primeira feira de troca de sementes realizada pelas agricultoras, com apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de União da Vitória, Prefeitura Municipal e da AS-PTA. Nesta feira foram resgatadas mais de 100 variedades de sementes crioulas de diversas espécies, desde milho, feijão, centeio, trigo, arroz, batata inglesa, batata doce, amendoim, hortaliças, árvores nativas e raças de animais de pequeno porte, como porcos, galinhas, cabritos entre outros. Estas variedades de cultivares também foram comumente encontradas nas Feiras XIV, XV e XVI.

Com a realização desta primeira feira, outros agricultores dos municípios deste território sentiram-se motivados a organizarem feiras municipais de sementes. Por sua vez, o sucesso das feiras municipais se expandiu e passou-se a realizar também feiras Regionais, que foram se configurando numa forma de confraternização, com a participação de todos os municípios do território do sudoeste do Paraná, e depois, do planalto norte catarinense.

Além da troca de sementes e de experiências entre as famílias agricultoras camponesas, as feiras se tornaram espaços privilegiados de promoção do resgate de conhecimento e das riquezas, que cada família tem na sua estratégia vida e de trabalho dentro da propriedade.

Para Niederle (2014), a construção dos espaços de trocas de sementes e conhecimentos, assim como, as redes onde circulam produtos da sociobiodiversidade, se tornaram a expressão do que há de mais dinâmico em sistema alimentar voltado à sustentabilidade. São espaços onde, mais do que produtos, circulam alimentos, sementes, artesanatos e conhecimentos que envolvem pessoas com diferentes repertórios culturais (NIEDERLE, 2015).

Essas iniciativas foram as bases para a idealização das feiras de sementes crioulas e da agrobiodiversidade estaduais e nacional, capazes de disseminar e amplificar a valorização do uso e da conservação das sementes crioulas e da identidade sociocultural dos camponeses, gerando autonomia e o respeito ao direito de as famílias terem suas próprias sementes.

## **As Repercussões das Feiras de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade**

As entrevistas com os agentes da AS-PTA e membros do Coletivo Triunfo sobre as Feiras de Sementes Crioulas XIV, XV e XVI indicam que a contribuição destes eventos, bem como os anteriores, fomenta o incremento da agrobiodiversidade, preservação e resgate do germoplasma e de materiais genético adaptados ao território, ademais, valorizaram a identidade sociocultural dos agricultores familiares, promovendo trocas de experiências e saberes, em razão da diversidade de sementes e produtos expostos. Tais reflexos promovidos pela realização destas Feiras foram mencionados em todas as cinco entrevistas, como a citação abaixo, e também, na análise de dados secundários que será apresentada adiante.

*“As Feiras são dos agricultores e para os agricultores, são trampolim para a conservação da biodiversidade na região, nelas estão presentes troca de vivências, saberes, culturas, não é uma simples comercialização de sementes, é comercializado e troca do histórias, lutas, amor em forma de grãos” (Coletivo Triunfo, Entrevista 01)*

Para alguns de nossos entrevistados, o acesso pelos agricultores familiares a um germoplasma que não está no pacote da modernização agrícola, por meio das realizações das Feiras XIV, XV e XV revigorou a agricultura camponesa do território. Abaixo seguem trechos de duas entrevistadas:

*“Representa o acesso e o domínio público a materiais que teriam adaptação aos sistemas de base ecológica, a segurança alimentar e o fortalecimento da identidade sociocultural nas comunidades de agricultores e de comunidades tradicionais.” (Assessor técnico AS-PTA, Entrevista 02)*

*“Com o aumento significativo de um público que frequenta as feiras, a agroecologia ganhou mais visibilidade dando assim o recado para o agronegócio da região que a agroecologia é uma ciência que alimenta, traz renda e diversidade aos agricultores familiares que não precisam ficar escravos de commodities e das integradoras. Levantamos a bandeira e mostramos nossa luta.” (Coletivo Triunfo, Entrevista 03)*

Além disso, como nas feiras anteriores, para a realização das Feiras XIV, XV e XVI a articulação entre as instituições do território teve um papel fundamental, aproximando o rural e o urbano, como vemos nestes trechos de entrevistas destacados a seguir:

*“É necessário porque estimula a articulação entre organizações dos agricultores promotores da agrobiodiversidade e as escolas do campo e de comunidades tradicionais para alcançar uma maior autonomia em relação a sementes crioulas”* (Assessor técnico AS-PTA, Entrevista 04)

*“Nestes dois últimos anos de pandemia sem as feiras, agricultores que perderam as variedades que conservaram devido à chuva da safra anterior agora não tem mais o seu ponto de encontro para resgata-las, dificulta a circulação das variedades, a troca e a comercialização, que traziam renda a toda família”* (Assessor técnico AS-PTA, Entrevista 05)

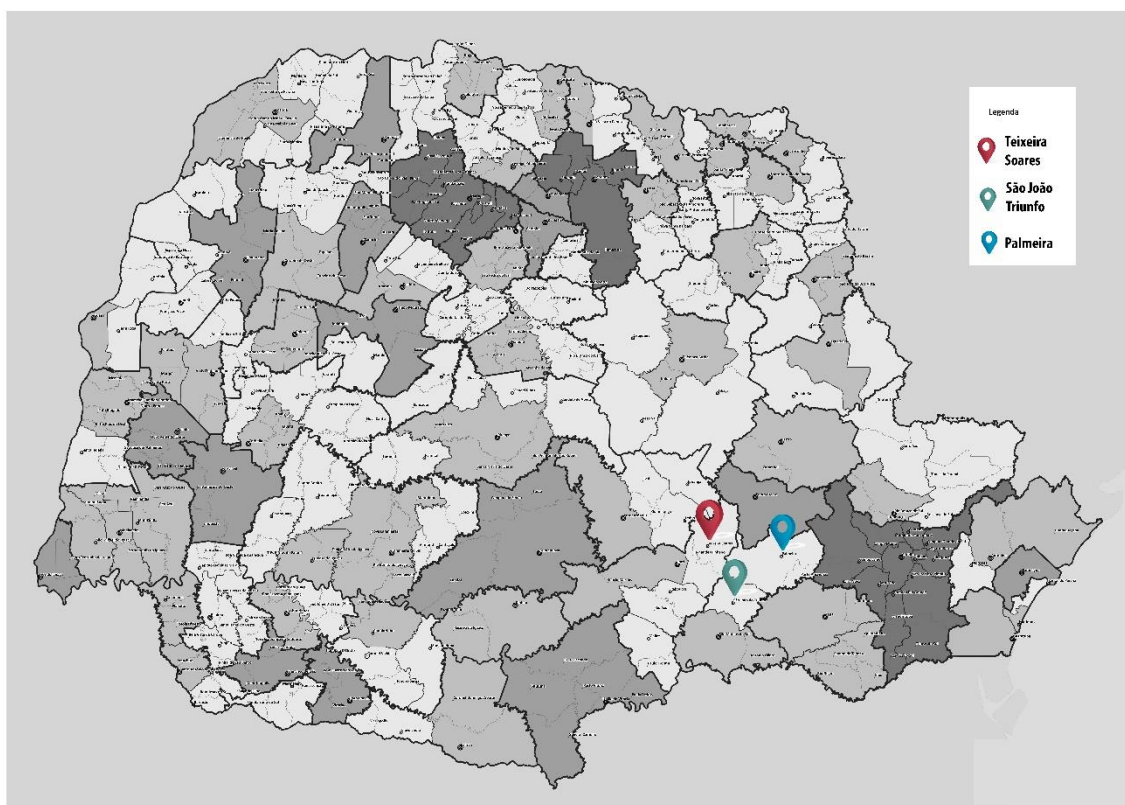
Em síntese, para nossos entrevistados assim como ocorrido em feiras anteriores, a XIV, XV e XVI Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade também trouxeram impactos positivos a preservação da agrobiodiversidade, sociocultural e ambiental do território sudeste paranaense, promovendo a articulação entre as instituições presentes na região.

Para Fernandes (2017), nos eventos com exposição de material genético diversos e diversificados, especialmente sementes crioulas, além de serem eventos festivos, são eventos de afirmação do povo que vive no campo, e assumem um caráter de importância na estratégia de conservação. Segundo o autor, as estratégias de conservação de sementes, seja *in situ*, *on farm* ou *ex situ*, não são fatores estáticos, mas sim dinâmicos, e sobre essa premissa se justifica a formação, construção e fortalecimento dos eventos de sementes crioulas. Na perspectiva da importância desses eventos, há fatores secundários que tangem as estratégias de conservação, e que também são associados a esses eventos, como é o caso, por exemplo, da produção e comercialização de alimentos saudáveis (SAMBUICHI et al., 2017).

## A Participação e os Produtos Expostos nas XIV, XV e XVI Feira de Semente Crioulas e da Agrobiodiversidade

As Feiras de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade XIV, XV e XVI ocorreram nos municípios localizados na figura 01 e tiveram a participação de mais de 180 expositores da região centro sul paranaense e do planalto norte catarinense, que trocaram ou comercializaram sementes e mudas de variedades crioulas, além de produtos tradicionais da agricultura familiar.

Figura 01: Localização dos municípios em que ocorreram as XIV, XV e XVI Feiras de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade.



A XIV Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade foi realizada em 2016, no município de Palmeira no Paraná, contando com a participação de 52 expositores, destas 44% mulheres, 37% homens e 19% de diversos grupos como de juventude rural, de mulheres agricultoras locais e de estudantes das universidades, promovendo a proximidade entre coletivos de diferentes instituições. Os expositores vieram de 18 municípios do Paraná, e de quatro de Santa Catarina.

Nessa Feira a sementes de culturas anuais apareceram em 44% das bancas, principalmente de variedades de milho (33%), feijão (25%), amendoim (11%), abóbora (7%), arroz (6%) e fumo (2%), culturas comumente encontradas nas feiras anteriores. Devido à forte presença de hortaliças neste território, é comum encontrar sementes, raízes e tubérculos crioulas, desta forma, estas sementes estavam expostas em 29% das bancas e mudas em 15%, ademais, também havia mudas de plantas ornamentais em 13% das bancas, seguidas de bolachas (13%), panificados (8%), materiais didáticos sobre agricultura familiar e a agroecologia (10%) e por fim, mudas frutíferas (4%). Em razão dos tipos de produtos expostos a valorização da identidade sociocultural e da agrobiodiversidade do território é evidente com a realização dessa Feira.

Na XV Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade realizada no ano 2017 em Teixeira Soares participaram 68 expositores, destas 47% mulheres, 34% homens e 12% grupos de mulheres agricultoras, da juventude rural, e de estudantes das universidades, que estavam presentes na Feira XIV. Os expositores vieram de 19 municípios do Paraná, e de cinco de Santa Catarina.

Nesta Feira foram expostas em 29 bancas sementes de culturas anuais, destas em 90% havia sementes de milho, em 79% de feijão, arroz 17%, amendoim 10% e soja 3%, culturas frequentes em outras feiras e comumente encontradas no território. Além de sementes, em 22 bancas foram comercializados alimentos, que marcam a identidade sociocultural da agricultura familiar, como panificados, bolachas, doces, geleias, sucos e cervejas entre outros, além de artesanato, valorizando o modo de vida camponês, ademais, as mudas de plantas ornamentais estavam expostas em 17%, mudas de hortaliças em 7% e mudas de frutas e material didático em 3%.

A realização da XVI Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade no ano 2018 em São João do Triunfo, participaram 56 expositores, destes 62% eram mulheres, 27% homens e 9% grupos, favorecendo a dinamização da rede de guardiões de sementes e de instituições presentes no território. Os expositores vieram de 18 municípios do Paraná, e de cinco de Santa Catarina.

Na XVI feira, as sementes de culturas anuais foram expostas em 16 bancas, destas em 81% havia sementes de milho, em 87% de feijão, em 24 bancas foram comercializados alimentos, como panificados, bolachas, doces, geleias, sucos e cervejas entre outros artesanatos em 22 bancas, plantas ornamentais estavam em 12 bancas, mudas de hortaliças em cinco e mudas de frutas e material didático em duas.

As Feiras XIV, XV e XVI de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade evidenciaram a riqueza da agrobiodiversidade e sociocultural da agricultura familiar camponesa do território sudoeste paranaense e norte catarinense. Estas Feiras funcionaram como lugares de comercializações, trocas de experiências, de lazer para os agricultores expositores, como para aqueles participantes não expositores. As feiras livres e trocas de sementes crioulas, assim como as mobilizações e associações de agricultores e a produção para o autoconsumo são estratégias que inovam e apoiam modelos de desenvolvimento rural sustentável, capazes de fortalecer os potenciais endógenos e a busca por autonomia e soberania alimentar (PLOEG, 2008).

Os municípios do território que abriga o Coletivo Triunfo e as Feiras de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade são fortemente marcados pela presença da agricultura familiar, que preserva a biodiversidade e os saberes, formando um território com guardiões da agrobiodiversidade, que é evidenciada nas Feiras XIV, XV e XVI. Ademais, a diversidade e quantidade de gêneros alimentícios nas propriedades do território é grande, trazendo segurança financeira e aumento de renda, mitigando os efeitos do processo de modernização agrícola. Além de que, grande parte destes agricultores produzem sementes para consumo próprio e eventual comercialização para as políticas públicas como o PNAE e o PAA e entre outros mercados, contribuindo também para o aumento da renda agrícola. .

Segundo a CGU (2020), aproximadamente 84,4% do total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros pertence a grupos familiares. A agricultura familiar constitui a base econômica de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes e absorve 40% da população economicamente ativa do país. Além disso, produz 87% da mandioca, 70% do feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz e 21% do trigo do Brasil, garantindo a soberania alimentar do povo brasileiro. A agrobiodiversidade cultivadas pela agricultura familiar estão presentes nas feiras e possui, portanto, a importância econômica vinculada ao abastecimento do mercado interno e ao controle da inflação dos alimentos consumidos pelos brasileiros.

Entendesse como soberania alimentar o conjunto de políticas públicas e sociais que deve ser adotado por todas as nações, a fim de se garantir que sejam produzidos os alimentos necessários para a sobrevivência da população de cada local. Esse conceito revela uma política mais ampla do que a segurança alimentar, pois parte do princípio de que, para ser soberano e protagonista do seu próprio destino, o povo deve ter condições, recursos e apoio necessários para produzir seus próprios alimentos.

## **A Importância e o Papel das Instituições Rurais do Território e as Políticas Públicas**

Tendo em vista que o pesquisador participou ativamente da organização das Feiras, pode se constatar que instituições dos municípios do sudeste paranaense, como os sindicatos dos trabalhadores rurais e as associações e cooperativas da agricultura familiar, além das políticas públicas de assistência técnica e extensão rural executadas por entidades estaduais e privadas, tiveram um papel fundamental para realizações das XIV, XV e XVI Feiras de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade, além das feiras municipais e regionais. Estas instituições e políticas públicas contribuíram para que os agricultores camponeses tivessem acesso às informações sobre o evento, para incentivaram a organização deles para participação nas Feiras e eventualmente o transporte dos produtos.

As políticas públicas, como PAA e PNAE, e as organizações voltadas para o fortalecimento da agricultura familiar camponesa e da agroecologia, como a AS-PTA e as cooperativas tiveram papel fundamental para o sucesso destas Feiras e o fomento de redes de guardiões de sementes crioulas, pois elas dinamizaram a formulação de projetos para participação no PAA. O sucesso do programa estimulou a formação de novas cooperativas no território. As cooperativas da agricultura familiar fortaleceram as XIV, XV e XVI Feiras de Sementes Crioulas, pois comercializaram produtos como o milho verde produzido com sementes crioulas, livre de transgênicos e agrotóxicos, que foram introduzidos no cardápio das escolas da região. Em meio a este contexto foi que surgiu a Unidade Agroindustrial de Beneficiamento de Derivados do Milho Crioulo Ecológico

Outro programa oriundo de política pública com foco no território sudeste paranaense e que contribuíram para a realização destas Feiras foram as chamadas públicas, que ofereceram assistência técnica e extensão rural no território. Estes projetos de assistência técnica e extensão rural (ATER), incentivaram os agricultores do território a participar das Feiras e estimularam a produção e disseminação das sementes crioulas, além da agrobiodiversidade. Um exemplo é o Projeto de Diversificação de Áreas Cultivadas pelo Tabaco, que atuou no território fomentando a diversificação das atividades das propriedades e das rendas financeiras dos agricultores, entre outras que envolvem as universidades, os institutos federais e a própria AS-PTA.

No contexto atual as políticas públicas para a agricultura familiar camponesa vêm sofrendo uma desvalorização por parte do governo federal. O Programa de Aquisição de Alimentos, considerada uma das principais políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar e de enfrentamento da fome e da pobreza no Brasil vem sendo inviabilizado pela falta de recursos significantes oriundas do governo federal, assim, afetando os agricultores familiares, camponeses, povos indígenas e comunidades tradicionais que mais precisam de



políticas públicas, que garantam a circulação de alimentos e dos materiais propagativos, como mudas e sementes.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar também vem sendo acometido aos longos dos últimos anos. Há projetos de leis que querem a retirada da obrigatoriedade dos 30% dos recursos gastos pelos municípios com a alimentação escolar fossem investidos na produção local advindos da agricultura familiar. Caso aprovados estes projetos afetariam associações e cooperativas da agricultura familiar afetando milhares de agricultores que dependem deste recurso financeiro para a sua sobrevivência.

Além das políticas públicas como o PAA e o PNAE as instituições de representação social também estão sendo alvejadas por desmontes políticos. Os sindicatos dos trabalhadores rurais como por exemplo, veem sofrendo uma desvalorização e enfraquecimento na atuação nos municípios.

Todo este desmonte das políticas públicas e das instituições da agricultura familiar afetam diretamente e indiretamente a manutenção da agrosociobiodiversidade do território. A falta de recursos e incentivos para a realização das feiras de sementes é um exemplo de ações que o território perderia para a manutenção dos agricultores familiares camponeses, povos indígenas e comunidades tradicionais.

## **Conclusões**

As sementes e variedades crioulas são a base da alimentação ancestral e cotidiana das comunidades tradicionais rurais em todo o mundo e mobilizam uma série de relações humanas ou não em torno delas. Elas conectam campo e a cidade, agricultores e os consumidores, além de contribuírem para a conservação da biodiversidade. E é esse caráter de grande variabilidade e de controle social, democrático e amplamente distribuído, que coloca as variedades crioulas no centro do debate de um contraponto aos processos de controle econômico, de concentração do poder, das sementes industriais e aos impérios alimentares que mobilizam diferentes formas de agricultura.

A agricultura familiar camponesa tem uma missão e uma virtude muito grande em manter a disponibilidade, e a continuidade das sementes crioulas e da agrobiodiversidade perante o modelo agroexportador atual de produção. Podemos considerar as sementes como o início e o fim dos ciclos da produção da agricultura camponesa. A diversidade e a existência de sementes permitem assegurar a abundância e a diversidade alimentar no território, servindo de base para uma alimentação adequada e saudável, permitindo o desenvolvimento das formas culinárias preservadas e desejadas na reprodução cultural dos povos. Portanto, as sementes e o

conhecimento associado a elas são partes fundamentais e insubstituíveis da soberania e da segurança alimentar dos povos.

As organizações governamentais e não governamentais, públicas e privadas ligadas a agricultura familiar do território podem contribuir para aumentar a participação dos agricultores camponeses nas feiras promovendo a produção e a disseminação de sementes crioulas no território, assim como promover a agroecologia como meio de produção e vida. Fomentar ainda mais as políticas públicas como o PNAE e o PAA, ainda assegurar políticas de assistência técnica e extensão rural para o território, além de se engajarem mais na organicidade das Feiras de Sementes

## REFERÊNCIAS

COSTA, F. A. **Formação agropecuária da Amazônia: os desafios do desenvolvimento sustentável**. Belém: núcleo de altos estudos amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2000

CARVALHO, Horácio Martins; COSTA, Francisco de Assis. Agricultura camponesa. In: CALDART, Roseli Salete et al. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro/São Paulo, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Expressão Popular, 2012. p. 26-32

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. **Como acessar a modalidade “Sementes” do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)?** Rio de Janeiro: Articulação Nacional de Agroecologia, 2020.

BARBOSA, F. R. S.; RIBEIRO, G. G.; DIAS, M. S.; ASSUNÇÃO, H. F.; RIBEIRO, D. D. **Banco de sementes: autonomia para o pequeno produtor do sudoeste goiano**. **Cadernos de Agroecologia**. v. 5 n.1, p.2, 2010.

DI MÈO, Guy. **Géographie sociale et territoires**. Tradução para o português Wolf- Dietrich SAHR, Paris: Nathan, 1998

MACHADO, Altair Toledo; MACHADO, Cynthia Torres de Toledo. **Manejo da diversidade genética do milho em sistemas agroecológicos**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2009. 94 p.

CONTROLADORIA GERAL DA UNIAO. **RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO - Crédito Rural no âmbito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf**. Brasília: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. 2020

NORGAARD, R. B. **A base epistemológica da agroecologia**. In: ALTIERI, M. A. (Ed.) **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/Fase, 1989. p.42-8.

SEVILLA GUZMÁN, E. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável in Agroecologia – Princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília. Embrapa, 2005.

STELLA, A.; KAGEYAMA, P.; NODARI, R. O. **Políticas públicas para a agrobiodiversidade**. In: STELLA, A.; KAGEYAMA, P. (Coord.) **Agrobiodiversidade e diversidade cultural**. Brasília: MMA. 2006. p.41-56.

TOLEDO, V. M.; CARARBIAS, J.; MAPES, C.; TOLEDO, C. **Ecologia y autosuficiencia alimentaria**. Mexico: Siglo Veintiuno, 1985.

PETERSEN, Paulo. Prefácio. *In*: ALMEIDA, Paula; CORDEIRO, Ângela. **Semente da paixão**: estratégia comunitária de conservação de variedades locais no semiárido. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2002.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: AS-PTA, 2012.

NIEDERLE, Paulo André. A agrobiodiversidade como recurso estratégico nos novos mercados agroalimentares. *In*: SANTILLI, Juliana; BUSTAMANTE, Patrícia Goulart; BARBIERI, Rosa Lía (ed.). **Agrobiodiversidade**. Brasília, DF: Embrapa, 2015. (Coleção Transição agroecológica, 2). p. 51-80.

NIEDERLE, Paulo André. Afinal, que inclusão produtiva? A contribuição dos novos mercados alimentares. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE AGRICULTURA FAMILIAR, 2014, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: MDA, 2014.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gala, 2003.

FERNANDES, G. B. Sementes Crioulas, Varietais e Orgânicas para a Agricultura Familiar: Da exceção Legal à Política Pública. *In* R. H. R. Sambuichi, I. F. de Moura, L. M. de Mattos, M. L. de Ávila, P. A. C. Spínola, & A. P. M. da Silva (Eds.), **A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo Desenvolvimento Rural Sustentável** (pp. 327–358), 2017. Retrieved from [https://www.agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2017/09/144174\\_politica-nacional\\_WEB.pdf](https://www.agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2017/09/144174_politica-nacional_WEB.pdf)

SAMBUICHI, R. H. R., MOURA, I. F. DE, MATTOS, L. M. DE, ÁVILA, M. L. DE, SPÍNOLA, P. A. C., & SILVA, A. P. M. DA.. **A Política Nacional de Agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo Desenvolvimento Rural Sustentável**. 2017. Retrieved from [https://www.agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2017/09/144174\\_politica-nacional\\_WEB.pdf](https://www.agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2017/09/144174_politica-nacional_WEB.pdf)